

Fruticultura: o Nordeste em transformação

Juliana Cunha*

A despeito de todo o atraso social e econômico que historicamente assola o Nordeste brasileiro, o que temos visto nos últimos 20 anos, e de forma mais acelerada nos últimos 10, é um crescimento que tem alterado significativamente o cenário local e, de forma mais contundente, o interior nordestino. Chama a atenção o fato de que esta riqueza vem, em parte relevante, da terra antes considerada seca e sem vida.

O objetivo deste *Rio Bravo Fronteiras* é fazer uma análise crítica deste crescimento econômico pelo ângulo da fruticultura, uma indústria pouco conhecida mas com potencial de ganhar escala mundial.

I. FECHANDO O GAP COM O SUDESTE

○ Nordeste brasileiro compreende uma área equivalente à França, Itália, Reino Unido e Alemanha combinados. Nos nove estados da região, vivem cerca de 51 milhões de habitantes, o que corresponde a 28% da população brasileira. Esta é a região do país geograficamente mais próxima dos Estados Unidos e Europa, o que lhe confere um valor estratégico particular do ponto de vista de custos logísticos e de acesso a esses mercados.

Responsável hoje pela terceira maior parte do PIB do Brasil (cerca de 14%), a região vem crescendo em ritmo significativamente mais acelerado do que o restante do país. Segundo dados da SUDENE, o PIB do Nordeste cresceu entre

1970 e 2005 a uma taxa anual de 8,3%, enquanto o Brasil cresceu a 3,5% (gráf. 1 e 2).

Em relação ao consumo, os números também chamam a atenção. Dados do IBGE relativos ao mês de agosto deste ano mostram que, dos 10 estados brasileiros que registraram expansão de vendas no varejo no ano acima da média nacional, cinco são do Nordeste. Três deles – Ceará, Piauí e Sergipe – cresceram mais do que o dobro do restante do país.

O aumento do consumo, consequência direta do aumento da renda, abriu um novo mercado que atrai empresas nacionais e multinacionais normalmente focadas nos consumidores das regiões Sul e Sudeste do Brasil, e fomenta a consolidação de empresas genuinamente nordestinas.

Gráfico 1
Distribuição do PIB nas Regiões do País

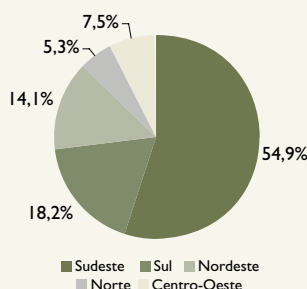
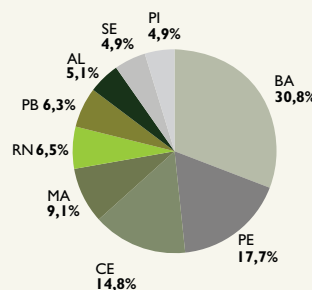


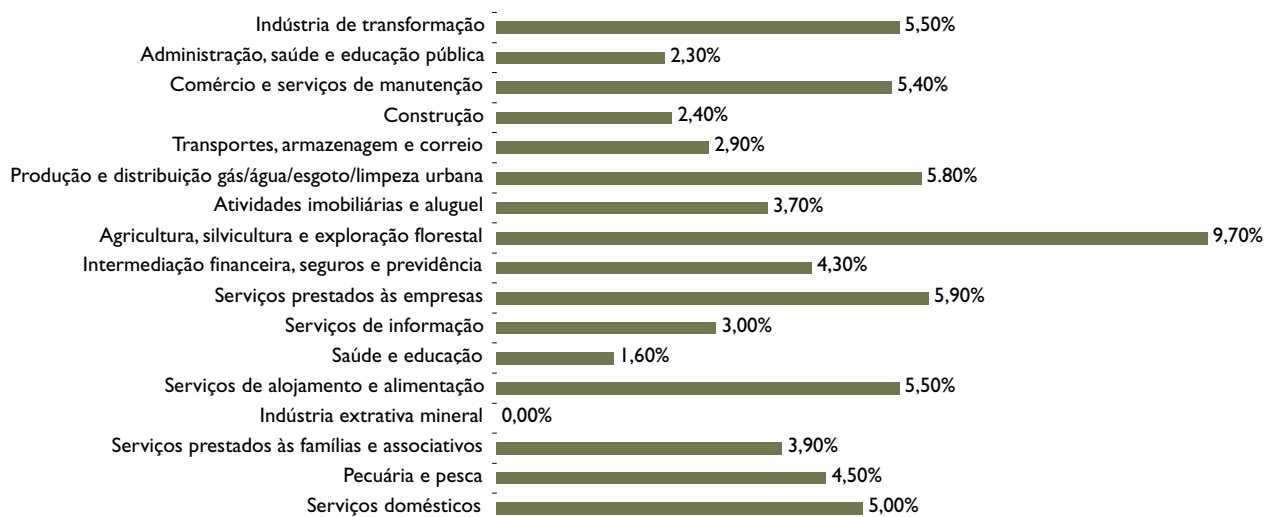
Gráfico 2
Participação dos Estados no PIB do Nordeste



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Gráfico 3

Crescimento Médio das Atividades do NE entre 2003 e 2006



Fonte: IBGE

2. AGRICULTURA NO NORDESTE

A agricultura no Nordeste brasileiro era considerada uma atividade sem apelo econômico, com exceção da cana-de-açúcar e das culturas de cacau e café no sul da Bahia, servindo somente para a subsistência da população rural. Hoje, no entanto, este é o setor que mais cresce na região, conforme indica o gráfico 3.

A força motriz deste avanço é a irrigação, e com ela a produção de frutos de alta qualidade tanto para o crescente mercado interno como para o externo.

Embora as condições de solo e disponibilidade de água sejam fatores historicamente de desestímulo à agricultura no Nordeste, o cenário mudou radicalmente com a chegada das tecnologias modernas de irrigação, na década de 70. O setor teve novo impulso no anos 90, graças ao trabalho agrônômico de adaptação das culturas mais adequadas para a região desenvolvido pela Embrapa e outros órgãos.

Os primeiros perímetros irrigados da agricultura no

Nordeste foram implantados nas décadas de 70 e 80 pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco nas cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA). Esta também foi a primeira região nordestina a se destacar na fruticultura.

Esta iniciativa mostrou com o uso das modernas técnicas de utilização dos recursos hídricos existentes, combinada com a construção de mais açudes, seria capaz de transformar radicalmente a região. A água, ao contrário do que se pensava anteriormente, poderia ter seu uso estendido para além do consumo humano e da pequena agricultura de subsistência. No entanto, uma nova onda de investimentos somente se deu ao final da década de 90 com a expansão, principalmente, da irrigação privada nos cultivos de frutas, grãos e café na Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Segundo relatório do Ministério do Meio Ambiente de 2006, a área irrigada em produção no país é de 3,4 milhões de hectares, e seu tamanho potencial estimado é de 26 milhões. Do total irrigado 732 mil ha encontram-se no Nordeste. Segundo os critérios definidos pelo Ministério do Meio Ambiente como irrigação sustentável, a área passível de irrigação na região é de 1,3 milhão ha, distribuídos conforme a tabela 1.

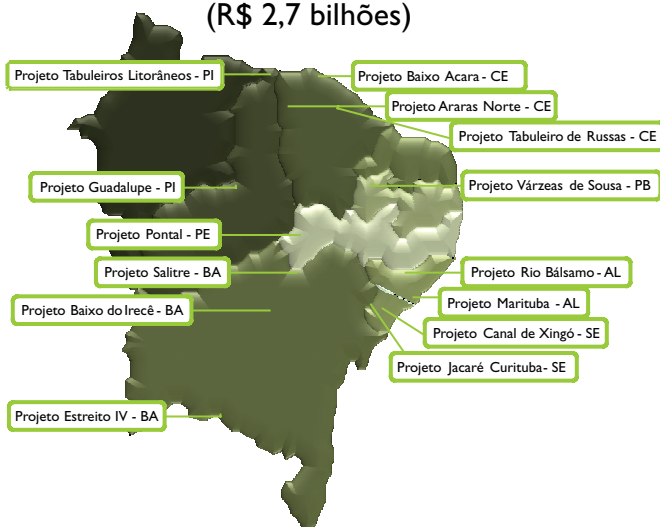
As condições climáticas do Nordeste transformam-se numa vantagem quando se trata da prática da fruticultura irrigada. Temperatura elevada e constante, baixo teor de umidade relativa do ar, quase três mil horas de sol anuais, associados a solos apropriados e água com qualidade para irrigação possibilitam a produção de diversas espécies frutíferas. Somando-se a estes a posição geográfica, a mão-de-obra abundante, a alta produtividade (cerca de 2,5 safras por ano) e a extensão das terras cultiváveis, temos como resultado

Tabela 1

Em Hectares	Área Irrigada	Área Potencial p/ Desenvolvimento
NORDESTE	732.840	1.304.000
Maranhão	48.240	243.500
Piauí	26.780	125.600
Ceará	76.140	136.300
Rio Grande do Norte	18.220	38.500
Paraíba	48.600	36.400
Pernambuco	98.480	235.200
Alagoas	75.080	20.100
Sergipe	48.970	28.200
Bahia	292.330	440.200

Fonte: Estudos desenvolvidos pelo MMA/SRH/DDH, revisados em 2002

Mapa I Projetos de Irrigação Previstos (R\$ 2,7 bilhões)



Fonte: Programa de Aceleração do Crescimento 2007-2010

a região no mundo com maior potencial de exportação de frutas *in natura*, com capacidade de suprir Europa, Estados Unidos e Ásia nos meses de entressafra.

Entre 1975 e 2000 a economia dos municípios irrigados cresceu a uma taxa 2,5 vezes superior à dos municípios não irrigados. No que diz respeito à produtividade, as áreas irrigadas têm uma produção cerca de três vezes superior à agricultura de sequeiro, que são aquelas terras cultivadas sem técnicas de irrigação. Os benefícios e os resultados já são bastante expressivos, mas o potencial inexplorado é ainda maior, quer seja pelo baixo aproveitamento das áreas irrigadas existentes, quer pelas dúvidas sobre o tamanho da área potencialmente irrigável.

Com o objetivo de estender as práticas da agricultura irrigada, o poder público está empreendendo vários investimentos. Existem hoje no Brasil cerca de 100 projetos públicos de irrigação focados na região Nordeste (federais e estaduais), além de outros 40 em cooperação com outros estados. O mapa I apresenta alguns dos principais projetos no âmbito do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e suas localizações.

Os diferenciais de produtividade entre áreas irrigadas e não irrigadas vão de 107% a 422%, como mostra a tabela 2.

A agricultura irrigada produz diversos impactos econômicos: (1) melhor utilização dos recursos naturais das áreas semi-áridas, permitindo a utilização dos solos durante todo o ano; (2) maiores incentivos e apoio governamental para desenvolvimento sustentável da região; (3) instalação de complexos agro-industriais para a produção de alimentos, em especial produtos de

exportação; (4) ocupação do agricultor na atividade durante o ano inteiro, aumentando assim a dedicação e capacitação da população para a atividade; (5) geração de empregos, já que cada hectare plantado com fruticultura gera em média dois empregos diretos; e (6) aumento do consumo em consequência da melhoria de renda da população.

3. INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES

A fruticultura pressupõe um sistema de envio de cargas sem atrasos, e portanto somente possível através de uma infraestrutura adequada. Os custos logísticos deste tipo de cultura são elevados e representam cerca de 35% do valor final das frutas exportadas. Embora a irrigação tenha trazido uma nova e excepcional vocação para a região, a exportação só é possível com altos investimentos em infraestrutura de transportes.

Com montantes elevados de recursos, os governos federal e estaduais têm concentrado esforços em construir e reformar rodovias, recuperar ferrovias e modernizar portos e aeroportos nos estados nordestinos. Estes investimentos têm trazido riqueza para a região, aumentando empregos, possibilitando a instalação de novas indústrias e estimulando o turismo.

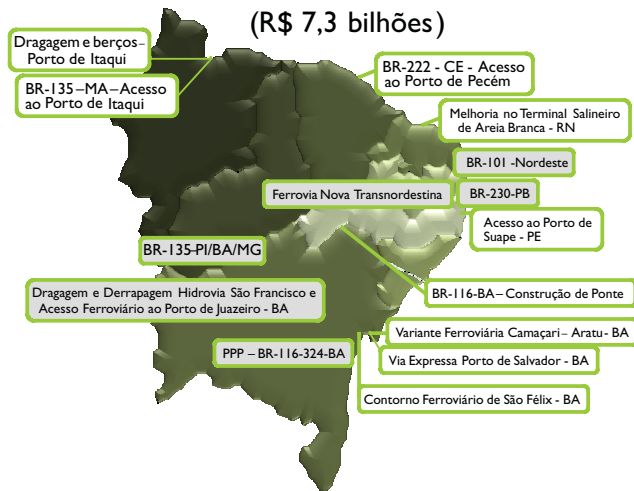
Hoje a região conta com três grandes e modernos portos: Pecém no Ceará, Suape em Pernambuco e Aratu na Bahia. O Porto de Pecém, atualmente o maior porto exportador de frutas do Brasil, está a 4,6 dias de Miami, 6,20 dias de Lisboa, 3,10 da costa africana e 4,3 dias de Buenos Aires. Esta é inequivocamente uma posição geográfica extremamente estratégica. Suape, moderno e bem

Tabela 2

Cultura	Não Irrigado	Irrigado	Incremento
	(tonelada por ha)		
Uva	13	40	208%
Tomate	25	60	140%
Melão	14	30	114%
Banana	25	100	300%
Morango	20	50	150%
Abacate	10	31	210%
Maracujá	10	40	300%
Café	0,6	1,8	200%
Palmito Pupunha	0,7	2,6	271%
	(caixas por pé)		
Laranja	2,5	9	260%
Limão	1,5	3,5	133%
	(kg por pé)		
Manga	90	470	422%
Goiaba	58	120	107%

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Produção CONAB (2004)

Mapa 2 Projetos de Transportes Previstos (R\$ 7,3 bilhões)



Fonte: Programa de Aceleração do Crescimento 2007-2010

localizado, é o segundo maior porto em volume de exportações do Nordeste. O entorno de Suape é a região que mais cresce economicamente no estado de Pernambuco, com mais de 70 empresas instaladas no complexo industrial. O porto de Salvador é o mais utilizado para o escoamento de cargas nordestinas.

Com a existência dos portos de Suape e Pecém solucionaram-se os problemas de falta de navios e sobrecarga existentes num passado recente. Segundo o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, em 2008 o Brasil exportou US\$ 742,2 milhões em frutas frescas, dos quais US\$ 453,6 milhões saíram dos portos do Ceará.

Os mapas 2 e 3 explicitam os investimentos programados pelo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) em estradas e aeroportos.

Embora os investimentos previstos sejam altos e necessários, e o Nordeste vá receber o maior volume de recursos entre todas as regiões do Brasil, a velocidade de implantação e os constantes atrasos têm impactado substancialmente os planos de desenvolvimento.

4. OS MERCADOS PARA A FRUTICULTURA DO NORDESTE

O mercado internacional de frutas frescas é marcado por uma grande diversificação e competitividade. Hoje a Europa importa cerca de 60% das frutas frescas exportadas no mundo e os Estados Unidos, 11%. As frutas mais consumidas – maçã, uva, banana, pera, abacaxi e pêsego – representam 84% da produção mundial. Observa-se um crescimento consistente do consumo de frutas de

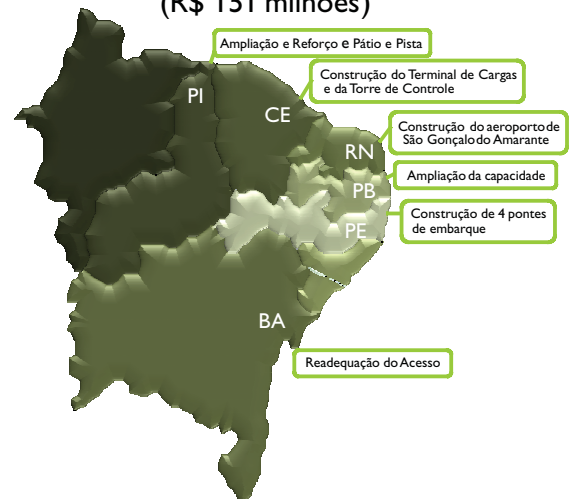
clima tropical menos comercializadas, como goiaba, manga e mamão. A FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) estima que o consumo mundial de frutas de clima tropical continuará a crescer, sendo a América Latina responsável por 32% da produção atual.

Em 2008, o Brasil produziu 43 milhões de toneladas de frutas (47% frescas e 53% processadas), representando cerca de 5% da produção mundial e 25% da produção agrícola nacional total. Apesar do Brasil ser hoje o terceiro maior produtor mundial de frutas, atrás de China e Índia, ocupa somente a 20ª colocação no ranking mundial dos exportadores no mercado de frutas frescas e o sexto lugar em exportação de frutas processadas. Em termos financeiros, a exportação de frutas processadas também é mais volumosa, tendo movimentado três vezes mais, ou cerca de US\$ 2,4 bilhões, do que as frutas frescas.

Dados do IBRAF mostram os estados da Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e São Paulo, em ordem decrescente, como os maiores exportadores de frutas frescas. As mais exportadas são uva, melão, manga, maçã, limão e melancia. Entre os processados, os de maior volume são a castanha-de-caju e o suco de laranja. Os países que mais importam frutas do Brasil são: Países Baixos, Reino Unido, Espanha, Estados Unidos e Argentina, que juntos são responsáveis por cerca de 72% do volume negociado.

Com condições climáticas e de área que permitem a produção de frutas de alta qualidade praticamente durante todo o ano, o Brasil é hoje o país mais bem posicionado na corrida pela exportação de frutas *in natura*.

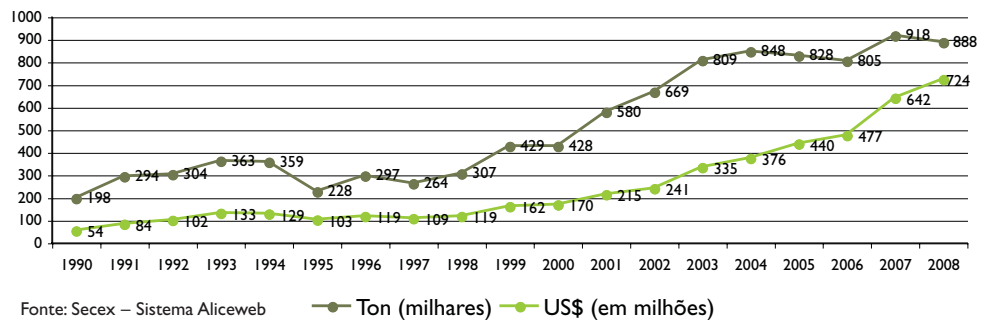
Mapa 3 Investimentos em Aeroportos Previstos (R\$ 151 milhões)



Fonte: Programa de Aceleração do Crescimento 2007-2010

O gráfico 4 mostra o crescimento acelerado das exportações de frutas frescas nas últimas duas décadas. A demanda mundial demonstra que ainda estamos muito aquém do potencial existente.

Gráfico 4 Evolução das Exportações Brasileiras de Frutas Frescas



O gráfico 5 mostra a consolidação da região nos últimos anos como a principal exportadora de frutas de clima tropical.

O principal expoente desta nova cultura nordestina é a região de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), conhecida como Vale do São Francisco, onde a agricultura irrigada de frutas frescas tornou-se a principal atividade econômica. Inicialmente a região produzia sucos, mas no início da década de 90 observou-se que o fruto *in natura* tinha maior valor de exportação. Hoje a produção de sucos no Brasil está concentrada nas regiões Sul e Sudeste. O Nordeste, entretanto, tem se destacado na produção de polpa de frutas com 53% do mercado local.

Desde os anos 90, a fruticultura foi se expandindo para outras áreas da região Nordeste e se especializando de acordo com as características próprias de cada local. O mapa 4 apresenta as principais áreas de produção de frutas, culturas tradicionais como soja e milho e fazendas de peixes e crustáceos.

O gráfico 6 mostra o histórico de exportações no Nordeste de alguns tipos de frutas. Os principais destinos no ano passado foram: Bélgica (29,4%), EUA (24,7%), Países Baixos (20,2%), Japão (6,1%) e Reino Unido (3,4%).

Em termos monetários o volume de exportações de frutas no mundo é de aproximadamente US\$ 11 bilhões/ano, dos quais 7,5% saem do Brasil. Deste montante o Nordeste exporta cerca de 75%.

Embora a exportação de frutas brasileiras tenha caído cerca de 20% no primeiro semestre deste ano, no Ceará, o maior estado exportador, esta redução foi de apenas 7%.

A exposição ao mercado externo é de fundamental importância para elevar o nível tecnológico da fruticultura irrigada, além de possibilitar avanços nas questões de qualidade, mão-de-obra, padronização, manuseio e logística. Toda a cadeia produtiva vem se beneficiando desta abertura comercial.

5. APERFEIÇOANDO A ENGENHAGEM

Embora a intervenção coordenada do poder público e dos agentes privados tenha produzido resultados sem precedentes, o desafio hoje está em consolidar a fruticultura do Nordeste frente ao mercado externo, principalmente o norte-americano. Observamos nos últimos anos uma desaceleração do crescimento e uma desconfiança do mercado internacional quanto à confiabilidade dos volumes produzidos. Embora no agregado o crescimento seja constante, ao olharmos em detalhe as exportações de algumas frutas pelos principais estados produtores fica evidente uma oscilação ano a ano e uma certa compensação não coordenada entre os principais produtores (gráficos 7 a 10). O efeito deste fenômeno

é que, embora a produção tenha crescido, existe uma inconstância de fornecimento de uma determinada região/produtor.

Um estudo conduzido pelo BNB mostrou que quanto maior o porte do agricultor maior a probabilidade de

Gráfico 5 Participação do Nordeste nas Exportações Brasileiras de Frutas Tropicais

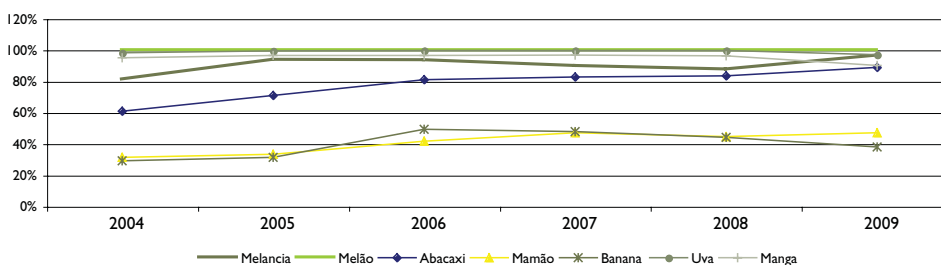
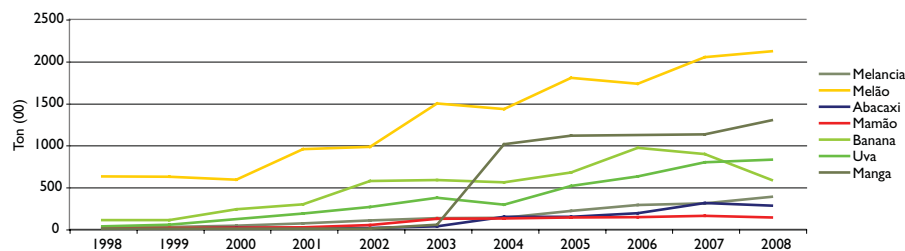


Gráfico 6 Evolução da Exportação de Frutas nos Últimos 10 Anos



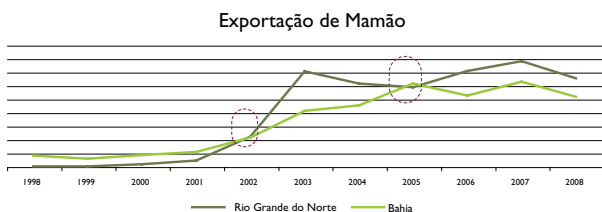
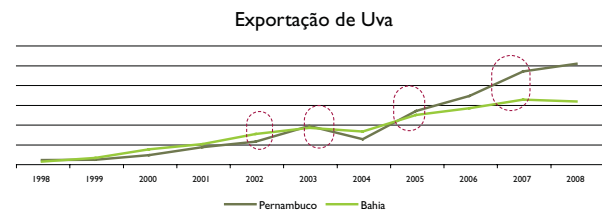
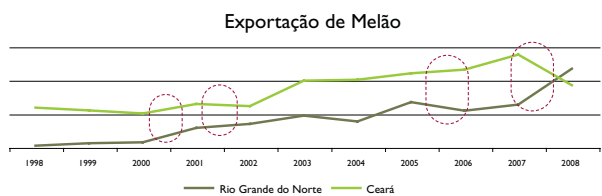
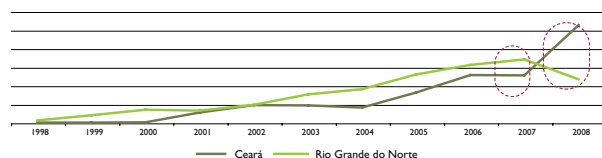
Fonte: Secex – Sistema Aliceweb

por si só num movimento ruim. Este cenário, no entanto, abriu uma nova janela de oportunidades que é agregar valor ao produto *in natura* exportado, aumentando assim as margens dos produtores. A entrada no mercado das frutas processadas e de alimentos orgânicos parece ser uma tendência irreversível para a região.

O momento atual já não exige capacidade visionária, como a daqueles que ao verem terras secas e inférteis vislumbraram plantações verdes, água abundante e

estradas povoadas de contêineres em direção aos portos de padrão internacional. Hoje, a fruticultura do Nordeste necessita de uma visão estrutural e processual. Para consolidar a região como uma exportadora de frutas há que se olhar o todo e esmiuçar os detalhes.

Gráficos 7 a 10 Exportação de Melancia



Características climáticas da região

Região do Meio-Norte: Faixa de transição entre a Amazônia e o sertão, é rica em palmeiras de babaçu e carnaúba. O volume pluviométrico da região varia de 2.000 mm anuais no litoral a somente 700 mm no sul do Piauí.



Região do Sertão ou Semi-Árido: O sertão localiza-se no interior do Nordeste, possui clima semi-árido. As chuvas são irregulares e escassas, existem constantes períodos de estiagem. A vegetação típica é a caatinga, composta de espécies vegetais características das regiões secas. Esta área domina a maior parte da região.

Região do Agreste Nordestino: Área de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, localizada no alto do planalto da Borborema. É um obstáculo natural para a chegada das chuvas ao sertão.

Região da Zona da Mata: Região onde as chuvas são abundantes. Foi a região que mais sofreu com os desmatamentos da Mata Atlântica, feitos para possibilitar os cultivos de cana-de-açúcar e cacau.

A região é composta de grandes variações de climas e solos, o que permite uma série de experimentações agrícolas. Embora tenha grandes dispersões relativas à umidade e índices pluviométricos, existe uma uniformidade no que diz respeito à alta incidência de luz e temperatura. De forma simplificada pode-se dizer que as estações do ano pouco alteram a vida na região.

* Juliana Cunha é gestora de *Private Equity* da Rio Bravo e trabalha nos Fundos Rio Bravo Nordeste I e Rio Bravo Nordeste II.

Recomendações ao investidor: As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Crédito – FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. Para avaliação da performance dos fundos de investimento, é recomendável uma análise de períodos de, no mínimo, 12 (doze) meses. A Fundamental Investimentos Ltda. não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem por decisões de investimentos tomadas com base neste material.

Rio Bravo Investimentos S.A.
Av. Chedid Jafet, 222, Bloco B, 3.º andar
04551-065 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2107-6528
Fax (11) 2107-6699
www.riobravo.com.br